

# Árvores determinaram forma do museu de Paula Rego

A história começa com uma carta e uma clareira. Ela escreveu a Souto Moura, ele aceitou o desafio. O arquitecto explica

ANDRÉIA AZEVEDO SOARES

“Sou pintora e chamo-me Paula Rego.” Assim começava a carta, “com muita graça”, que a pintora escreveu há cerca de dois anos ao arquitecto Eduardo Souto Moura. A carta abriu caminho para um primeiro encontro, em Londres, onde Paula Rego vive, em que pintora e arquitecto trocaram as primeiras impressões sobre o projecto da Casa das Histórias e Desenhos de Paula Rego, um museu que começará a ser construído para o ano, em Cascais.

“Não me conhecia de lado nenhum e escolheu-me. Fiquei honradíssimo”, disse ao PÚBLICO o vencedor do Prémio Secil de Arquitectura com o projecto do Estádio do Braga.

Na altura do convite, Souto Moura e Siza Vieira estavam a desenvolver um pavilhão temporário para a prestigiada Serpentine Gallery, no Hyde Park, em Londres. “Aproveitei estar em Londres e fui com a minha mulher ao atelier da Paula Rego. Começámos a falar [sobre o futuro museu] e, quando chegou a meio da conversa, sugeri que fôssemos ver uma exposição sua na Tate Britain”, recorda.

A pintora não resistiu a levá-lo à sala onde está uma peça de Francis Bacon (1909-1992), munida do espaço necessário para “respirar”. “Isto é o máximo”, comentou Paula Rego, sem

deixar claro se se referia ao quadro do artista irlandês ou à sala. “Acho que era a ambos – não há sala sem Bacon, nem Bacon sem sala, acho que era a mensagem que me queria transmitir”, defende Souto Moura.

O terreno escolhido – ou melhor, o bosque que se espraia por quase toda a extensão da Quinta da Parada – determinou as linhas de força do projecto. “É uma mata com uma silhueta interior que não chega para o museu. Tive de alargar, o que significa encostar-me às árvores. Foram as árvores que determinaram a forma do museu”, explica o arquitecto.

O ponto de partida foi a clareira, os volumes que compõem o edifício ganharam corpo seguindo o rebordo vegetal. Como se o objectivo fosse mesmo o da intimidade entre natureza e edificado, um diálogo que não pressupõe a anulação de qualquer uma das partes. À excepção das duas chami-

nés – onde ficarão a cafetaria, influenciada pelas cozinhas de Alcobaça, e uma biblioteca –, as cotas da construção nunca ultrapassam a copa das árvores. Paula Rego ficou satisfeita com a proposta.

## Influência de Raul Lino

As chaminés são, na verdade, duas pirâmides às quais foi cortado o topo. De onde vieram?

“Isto tem a ver com Sintra, Raul Lino”, esclarece. Souto Moura fala sentado na mesa do seu escritório, no Porto, com a mão apoiada sobre um livro de Raul Lino (1879-1974). Refere-se à Casa dos Penedos (1922), um dos dois palacetes que o célebre arquitecto ergueu em Sintra. Ali estão duas torres com formas piramidais, simétricas e imponentes numa escarpa. A Casa do Cipreste (1914), casa que Lino projectou para si próprio, conta a história de um espaço que se acomoda aos penedos como quem faz ninho (ou se encosta às árvores para ganhar terreno).

Além da Quinta da Parada, um lugar “mítico” e de “fetiche” para Souto Moura, havia duas outras hipóteses de terrenos próximos. Nenhuma delas agradou ao arquitecto. “Pareceu-me que havia [por parte da câmara] interesse em fazer um museu urbano, mais encostado à rua, com mais impacto visual. Mas eu disse que preferia algo mais recolhido, no interior das árvores e próximo do Museu do Mar – pois este, apesar de agora estar decadente, mais cedo ou mais tarde vai ser reconvertido. E não faz sentido ficar um museu lá dentro e outro cá fora”, conclui.

O contrato entre Paula Rego e a Câmara de Cascais foi assinado a 17 de Agosto e prevê a cedência à autarquia de 59 desenhos, 34 gravuras e oito litografias, e o empréstimo de 16 quadros de sua autoria e outros quatro do seu primeiro marido, o inglês Victor Willing. O edifício deverá estar concluído até 2009 e custará 5,3 milhões de euros. ■ COM CARLOS ROMERO

## Janelas pequenas serão “quadros da paisagem”

O projecto de Eduardo Souto Moura, que deverá ser entregue à Câmara de Cascais em Outubro, reúne num mesmo edifício volumes com diferentes funcionalidades. As salas de exposição somam 750 metros quadrados e são pontuadas por janelas, incisões nas paredes cinzentas que funcionarão como “quadros da paisagem”. “Para as pessoas não esquecerem que há um mundo lá fora. Um rectângulo na altura do rosto das pessoas”, diz o arquitecto. “Nalguns sítios, haverá ainda pontos de paragem, para os visitantes poderem sair ou fumar um cigarro. As pessoas têm os seus ritmos. É preciso ter referências do dentro e do fora, poder comparar a luz natural com a da obra.” A cave ficará vocacionada para o acervo, ao passo que

os serviços terão vista para a vegetação. Haverá ainda um auditório com 200 lugares. Para o chão, Souto Moura quer pedra escura, cinza como granito, para que, numa lógica de gradação, estabeleça um elo com as paredes cinzentas e o tecto branco. Também o revestimento externo é plúmbeo. Engana-se quem pensa em betão branco ao olhar a maquete: “Não, chega de betão branco, já há a Casa da Música [de Rem Koolhaas]. Além disso, é um material complicado em termos de composição, é mais delicado, é preciso experimentar.” Até pensou em adicionar cor à pele do edifício, mas uma má experiência que teve numa casa na Arrábida (era vermelha e, passados quinze dias, ficou amarela) fê-lo mudar de ideias.



*Souto Moura quis que, dentro do edifício, o visitante pudesse estabelecer por vezes uma relação entre as obras e a paisagem*